



GOFFMAN E A REPRESENTAÇÃO DO ESTIGMA NOS QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Goffman and the representation of stigma in Turma da Mônica comics

Goffman y la representación del estigma en los cómics de Turma da Mônica

Maria Angélica Peixoto¹

Maria Aparecida Rodrigues de Souza²

Lumiko Mori Tedesco³

Resumo: A partir da história em quadrinhos *Um amiguinho diferente*, de Maurício de Sousa, buscou-se analisar a interação entre as personagens, destacando André, percebido de forma diferente por Magali e Mônica devido ao seu comportamento. As rotinas sociais permitem prever a categoria e atributos de alguém, mas quando há uma discrepância entre o atributo e a expectativa, ocorre o estigma. No caso de André, seu comportamento é visto como "mal-educado" e gera desvantagem. O quadrinho admite reflexão sobre preconceitos e estigmas, destacando como as pessoas estão sujeitas a expectativas e normas sociais. O foco principal é compreender como o estigma é criado e manipulado nas interações sociais. Enfim, o quadrinho promove uma reflexão sobre a importância de compreender e não estigmatizar.

Palavras-chave: Cultura Pop. Inclusão. Quadrinhos. Estigma. Autismo.

Abstract: Based on the comic book entitled *Um amiguinho diferente* (A Different Little Friend) by Maurício de Sousa, we sought to analyze the interaction between the characters, highlighting André, who is perceived in different ways by Magali and Mônica due to his behavior. Social routines allow us to predict someone's category and attributes, but when there is a discrepancy between the attribute and the expectation, stigma occurs. In André's case, his behavior is seen as "rude" and puts him at a disadvantage. The comic book invites reflection on prejudices and stigmas, highlighting how people are subject to social expectations and norms. The main focus is to understand how stigma is created and manipulated in social interactions. In the end, the

¹ Doutora em Sociologia, Professora do Instituto Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: maria.angelica@ifg.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6737285046727428>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3738-2324>.

² Doutora em Educação, Bibliotecária-documentalista do Instituto Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: maria.souza@ifg.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3760784820828698>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0173-5992>.

³ Especialista em Educação Especial, Coordenadora da Educação Especial, Quintana, São Paulo, Brasil. E-mail: lumiko.mori@professor.quintana.sp.gov.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2973089490280384>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1568-4260>.

comic book encourages a reflection on the importance of understanding and not stigmatizing autistic people.

Keywords: Pop Culture. Inclusion. Comics. Stigma. Autism.

Resumen: A partir de la historieta titulada *Um amiguinho diferente* (Un amiguito diferente) de Maurício de Sousa, se buscó analizar la interacción entre los personajes, destacando a André, quien es percibido de manera diferente por Magali y Mônica debido a su comportamiento. Las rutinas sociales nos permiten predecir la categoría y los atributos de alguien, pero cuando hay una discrepancia entre el atributo y la expectativa, ocurre el estigma. En el caso de André, su comportamiento es visto como “maleducado” y genera una desventaja. La historieta nos permite reflexionar sobre los prejuicios y los estigmas, destacando cómo las personas están sujetas a las expectativas y normas sociales. El enfoque principal es comprender cómo se crea y manipula el estigma en las interacciones sociales. Finalmente, el cómic promueve una reflexión sobre la importancia de comprender y no estigmatizar a las personas autistas.

Palabras clave: Cultura pop. Inclusión. Cómic. Estigma. Autismo.

Introdução

O tema inclusão social de uma pessoa com transtorno espectro autista (TEA), uma condição neurológica, ou seja, um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento (Onzi; Gomes, 2015), investigado à luz do gênero literário história em quadrinhos (HQ) é algo que difere de outros objetos por tratar sobre o tema numa linguagem adequada a adultos e crianças.

Um amiguinho diferente, HQ de Maurício de Sousa (cartunista, empresário e escritor brasileiro) apresenta o personagem autista que é inserido no universo ficcional da Turma da Mônica.

Desse arcabouço literário objetivamos descrever e analisar a HQ *Um amiguinho diferente* tematizando a questão da representação quadrinística do autismo presente no seu interior. E, posteriormente, realizar uma reflexão sobre autismo como fenômeno social.

Ter a história em quadrinhos *Um amiguinho diferente*, de Maurício de Sousa, publicada a primeira edição em 2019, por objeto de estudo, se justifica por permitir a análise de uma representação quadrinística sobre a reação de alguns personagens em relação ao comportamento diferenciado do personagem André, que é autista.

Esse quadrinho surgiu a partir do convite da Universidade de Harvard para o Instituto Maurício de Souza, em 2001. O projeto editorial foi desenvolvido com o objetivo de alertar a população sobre as características e especificidades do autismo. Após meses de dedicação de Souza foi criado André, personagem autista em parceria com a Revista Autismo, que passa a

integrar a Turma da Mônica. As edições de 2019 até 2022 estão disponíveis para download no site do Instituto Maurício de Sousa.

Metodologia

A metodologia utilizada no presente trabalho foi a da análise dialética das histórias em quadrinhos. Assim, a partir de uma compreensão dialética de como analisar histórias em quadrinhos em nível mais geral, se utiliza um conjunto de procedimentos e determinados recursos técnicos para trabalhar com histórias em quadrinhos. É preciso ter em vista que algumas variações de procedimentos ocorrem em casos específicos, tanto levando em consideração os temas, o corpus de análise (uma revista, uma coleção, uma personagem, um universo ficcional completo, entre outros), o acesso do pesquisador ao material informativo (revistas antigas podem ter números inacessíveis, por exemplo, e se o objetivo é analisar historicamente a sua evolução, esse limite informativo gera problemas analíticos e precisa ser trabalhado e justificado), entre outros aspectos. O primeiro passo, portanto, é a definição de qual será o corpus de análise (Viana, 2016).

A partir da seleção da obra *Um Amiguinho Diferente*, história em quadrinhos de Maurício de Sousa, publicada em 2021 e disponível na *internet*, que tematiza a questão do autismo, foi utilizado o processo analítico dialético que ocorre, no caso desse material específico (histórias em quadrinhos), através do seguinte procedimento: a) leitura preliminar, que permitiu uma percepção inicial e global da narrativa quadrinística; b) busca de informações sobre o contexto da publicação, que possibilita relacionar a obra com o contexto social e específico de sua produção; c) identificação do tema, gênero, objetivo da história; d) análise dos quadros que compõem o conjunto da história em quadrinhos; e) identificação dos personagens principais e suas relações; f) identificação dos valores, concepções, sentimentos, manifestos na história; g) a análise narrativa, cujo objetivo é realizar “a reconstituição da evolução dos acontecimentos ficcionais, no sentido de retomar a dinâmica do universo ficcional e seus desdobramentos” (Viana, 2016, p. 52).; h) a análise ideográfica, “que focaliza os recursos simbólicos e seu significado no universo ficcional” (Viana, 2016, p. 52), sendo que em certas produções ela não ganha importância, o que só se define após a análise; i) a análise pictórica, “que focaliza o significado das imagens, o que elas simbolizam, o que implica analisar o modo de retratar dos produtores e criadores imagéticos” (Viana, 2016, p. 52);

j) leitura de outras interpretações do corpus de análise; l) análise da literatura sobre o tema abordado na histórias em quadrinhos.

Esse foi o processo realizado e a partir desses procedimentos foi possível realizar uma análise da questão da contribuição de tal história em quadrinhos para a análise da questão do autismo.

O caso do autismo do André

Por meio de seis vídeos curtos, intitulado *André e o autismo*, em formato de história em quadrinhos (Sousa, 2019), inicia-se o encontro de Mônica e Magali que decidem visitar a amiga delas, Lucila. Ao chegar na casa de Lucila, ela apresenta seu irmão, André. As duas cumprimentam o garoto e ele não responde. Magali afirma que ele é “mal-educado” e André passa pelas duas sem qualquer contato visual ou aproximação. Mônica diz que “acho que ele não gostou de mim” e Magali diz que ele é “exibido, só porque é bonitinho”. Magali vai atrás dele e diz: “como você pode fazer uma desfeita dessa pra gente?” Ao falar para ele “escutar” vê que ele não está olhando para ela. Mantém o olhar fixo para uma direção na qual ela não identifica o que ele está vendo. Mônica se aproxima e diz para Magali que André pode ser surdo ou mudo.

Após isso, Lucila explica que André é autista e afirma que “autistas são crianças especiais”. Mônica indaga “como assim especiais?” Lucila explica que “elas são diferentes das outras”, “mas não na aparência”. Após isso ela explica que tal criança, em muitos casos, não olha diretamente nos olhos das outras pessoas. Alguns não falam e nem acenam, nem dizem “oi” ou “tchau”. Elas também não apontam para coisas interessantes, falam o essencial ou repetem frases ouvidas há segundos ou até dias atrás, denominadas ecolalia. Elas também não imitam outras crianças e nem brincam de faz-de-conta. Essa questão foi explorada na história *André em de trás para frente de Sousa* (2022). Além disso, algumas gostam de alinhar objetos e repetir movimentos (estereotipia). Esse tipo de característica foi desenvolvida na edição *André em problema grave* (Sousa, 2021), onde organiza a vidraria do laboratório por cores.

Magali diz que ele vai participar da brincadeira e será o “filhinho dela na brincadeira”. Depois disso há o desenvolvimento do enredo, no qual entram em cena Cebolinha e Cascão e “raptam” André e depois descobrem, através da Mônica, que ele é autista. Esta história em quadrinhos encerra com a chegada da mãe de Lucila e os demais irmãos, que não são autistas,

tal como é dito no final da história, que ainda tem mais alguns quadrinhos com o objetivo humorístico, que é a Mônica constranger Cascão e Cebolinha a brincar com elas.

Esta história em quadrinhos (Sousa, 2019) tem o objetivo educacional de apresentar para as crianças leitoras e também aos adultos o que é o autismo. Por meio do personagem, mostra que as crianças autistas são apenas diferentes e que precisam ser bem tratadas. Podemos, a partir dessa descrição contida na história em quadrinhos, fazer algumas reflexões sobre o comportamento do autista e sobre as representações do autismo. Para tanto, será importante abordar a questão do estigma, já que o autismo:

Atualmente, o autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que envolve graves dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento – e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos.¹ Ambos os enquadramentos diagnósticos mais utilizados (ICD-10/WHO e DSM-IV/APA) requerem a identificação de anormalidades naquelas áreas do desenvolvimento, antes da idade de 36 meses (Bosa, 2006, p. 48).

O autor dos quadrinhos, através do personagem André, buscou demonstrar a interpretação do público infantil sobre questões estigmatizadoras que ainda geram preconceitos, pois o autismo segundo Tedesco e Molari (2018) se caracteriza por prejuízos na interação social; na comunicação verbal e não verbal; comportamentos repetitivos e estereotipados, sendo que as três características precisam estar presentes desde o início da infância. Do mesmo modo os autores ressaltam, citando Leon (2016), características que: “[...] incluem interesses altamente restritos e fixos, anormais em intensidade e foco, e alterações no processamento sensorial manifestadas por hipersensibilidade ou hipossensibilidade, que passaram a ser valorizadas no DSM5” (Leon, 2016, p. 17).

Além disso, de acordo com Leon (2016), destacados por Tedesco e Molari (2018) os prejuízos na interação social são identificados em relação ao restrito contato visual direto; posturas corporais inapropriadas; gestos quase inexistentes, com vistas a regular a interação social; dificuldade em resolver relacionamentos com seus pares apropriados ao seu nível de desenvolvimento e falta de tentativa espontânea de compartilhar sensações com outras pessoas. Esses aspectos foram evidenciados pelo personagem André.

Nesse sentido Tedesco e Molari (2018), acrescentam citando Lemos, Salomão e Ramos (2014) sobre os estudos de Vigotsky (1982) e Tomasello (2011), que destacam a relevância dos aspectos sociais da interação, tendo em vista que o desenvolvimento da comunicação é

fundamentalmente interacional, sendo de grande importância os comportamentos verbais e gestuais.

Sobre o tema construção social da deficiência podemos dizer que a diferença entre indivíduos é fundamentada em normas socialmente construídas, o que pode levar à estigmatização. A construção social da deficiência considera que as limitações físicas e cognitivas de uma pessoa são determinadas socialmente. Assunto a ser aprofundado no próximo item.

Goffman e o estigma

A discussão sobre estigma, realizada por Erving Goffman (1988), sociólogo canadense, se torna importante para compreender melhor a história em quadrinhos que tematiza a questão do autismo. Segundo Goffman, as rotinas sociais permitem atribuir categorias e atributos de alguém, mas quando há uma discrepância entre o atributo e a expectativa, ocorre o estigma. Erving Goffman concebe o estigma como um processo social que envolve a atribuição de características negativas a indivíduos ou grupos que não se encaixam nos padrões ou normas sociais estabelecidas. O estigma envolve a desvalorização de indivíduos ou grupos que possuem características ou atributos que são considerados indesejáveis ou desviantes pela sociedade. Ele afeta a identidade social de uma pessoa, levando a uma percepção negativa de si mesma e a uma perda de status social.

O estigma pode ser visível ou oculto. O estigma visível é aquele no qual as características físicas ou comportamentos que são facilmente observáveis e considerados estigmatizantes, como deficiência física ou doença mental (hoje se utiliza uma terminologia diferente da utilizada pelo autor, tal como “deficiência intelectual”, embora esse termo abarque fenômeno mais restrito). Segundo Goffman (1988, p. 59), “quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido”. Por outro lado, acrescenta Goffman (1988, p. 59), “quando um estigma é imediatamente perceptível, permanece a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo da interação”. No caso de André, personagem autista de Maurício de Sousa, o “estigma” é visível e isso é perceptível na interação com as outras pessoas. O estigma oculto é aquele no qual as características ou comportamentos que não são imediatamente visíveis, mas que podem ser descobertos e levar ao estigma, como orientação sexual ou doença crônica.

As principais consequências do estigma são a discriminação: o estigma pode levar à discriminação e exclusão social de indivíduos ou grupos estigmatizados e ao autoestigma, no qual ele pode ser internalizado pelas pessoas estigmatizadas, levando a uma autopercepção negativa e baixa autoestima. A teoria de Goffman contribui a compreensão de como as relações sociais são construídas e como as normas sociais são estabelecidas e mantidas e assim oferece elementos que contribuem na promoção da inclusão: a compreensão do estigma pode contribuir para a promoção da inclusão e da aceitação de indivíduos e grupos estigmatizados.

Nesse sentido, Goffman contribui para pensar a questão do estigma na sociedade moderna. O tratamento dado na modernidade para as diferenças individuais é um tema complementar que ele pouco desenvolveu, mas traz algumas pistas interessantes que podem ser trabalhadas e aprofundadas com a contribuição de outros sociólogos e pesquisadores das ciências humanas.

As diferenças individuais e sociais possuem várias determinações e a valoração ou desvalorização de tais diferenças, assim como sua classificação e interpretação, é um fenômeno cultural de origem social. As diferenças entre os indivíduos podem ser de origem social, cultural ou biológica. Assim, indivíduos desempregados diferem daqueles que possuem emprego e a empregabilidade é um fenômeno social e histórico, típico da modernidade que gera uma determinada divisão social do trabalho e suas subdivisões, da mesma maneira que as profissões. Essa diferença realmente existente é um produto social e histórico. A interpretação e valoração/desvalorização, por sua vez, é outro produto social e histórico. Alguns podem desvalorizar as pessoas desempregadas, seja a partir da interpretação de que elas são assim por “preguiça” (um jovem que houve isso várias vezes, pode, por exemplo, aceitar isso como “verdade”), seja a partir de outros valores (considerar que as pessoas que se esforçam realmente ou as que são boas e honestas, são empregadas, são trabalhadores). Nesse sentido, consciência e valores são elementos importantes para a instituição de interpretações e valorações (Viana, 2008).

Isso ocorre também com as diferenças de origem cultural ou biológica. O sotaque carioca difere do nordestino, como também algumas palavras e termos usados. Essa diferença cultural será avaliada e interpretada a partir dos valores e consciência do intérprete, que, por sua vez, é um produto social e histórico. Em certos setores da sociedade, a cultura nordestina poderá ser desvalorada, sendo que poderá ser considerada “indiferente” para outros setores ou vista positivamente para outros.

As diferenças de origem biológica também são interpretadas e avaliadas diferentemente de acordo com várias determinações sociais (Viana, 2008). Consequentemente, os indivíduos de baixa estatura poderão ser avaliados negativamente através do processo comparativo, desde que eles estejam em uma sociedade que a estatura média seja superior. No entanto, isso nem sempre ocorrerá. Na sociedade moderna, caracterizada por uma competição social intensa e generalizada, as diferenças físicas (estatura, tal como no exemplo aqui trabalhado, mas também raça, “beleza”, peso, entre diversas outras diferenças), são frequentemente usadas para ganhar a corrida competitiva.

Desta forma, qualquer diferença, em nossa sociedade, pode ser usada para avaliar e interpretar negativamente indivíduos e coletividades. A competição social é uma das determinações desse processo, mas não é a única. A generalização afetiva (Lobrot, 1978) é um outro elemento que pode gerar interpretações ou avaliações preconceituosas. Lobrot (1978) traz o caso de um indivíduo que é maltratado por outro indivíduo que ele não conhece e, assim, o que ele perceberá sobre esse “outro” é sua aparência. Nesse caso, pode ser aparência física ou “parecer social”, ou características culturais manifestas. A cor da pele, a roupa rasgada e suja, o sotaque podem exemplificar esses casos e o indivíduo maltratado pode responder com insultos que tomarão como ponto de partida essa aparência, que, no entanto, será “generalizada”: o insulto ao indivíduo X toma características que são de uma coletividade inteira e isso permite a generalização afetiva (por ser “negro”, “esfarrapado”, “nordestino”, no caso desses exemplos) e isso tende a valer para todos os demais indivíduos que possuam as mesmas características.

Outra motivação para preconceitos e estigmatização são os valores sociais. Os valores são aquilo que é considerado importante e significativo para os indivíduos (Viana, 2007). Os desvalores são aquilo que é considerado inferior, sem importância. O belo, bom, o interessante, o sagrado, o útil, são valores; enquanto que para os desvalores se usam outros termos: feio, mau, desinteressante, o profano, inútil (Viana, 2007). Os valores dominantes são aqueles que são produzidos e defendidos pelas elites, pelos poderosos e mais ricos e se espalha pela sociedade, sendo que os mais pobres, em sua maioria, idealizam e ambicionam se tornar como eles. Os pobres frequentemente sonham em melhorar sua situação financeira e alcançar uma vida mais confortável, almejando um dia se tornarem ricos, enquanto os ricos, por outro lado, raramente desejam abrir mão de seus privilégios e riquezas, e jamais vão querer se tornar pobres, pois já alcançaram um padrão de vida que desejam manter ou até mesmo superar.

Isso gera o fenômeno da escala de valores. Todo indivíduo tem, em sua mente, uma escala de valores, no qual os valores fundamentais para ele estão acima e os demais vai em sequência de degraus para baixo, até chegar aos desvalores. Um ator de teatro terá o teatro como um valor fundamental, estando acima na sua escala de valores e a roupa de luxo poderá ser até um desvalor para ele. Já um mendigo não contará com o teatro em nenhum lugar em sua escala de valores, pois nem pensa nisso, e a roupa de luxo terá sentido como roupa e não como luxo. E outros indivíduos terão posição valorativa diferente diante disso.

Essa escala de valores na mente de um indivíduo, muitas vezes, convive com “conflitos valorativos” (Viana, 2007), que são derivados de múltiplas experiências, convivências, acesso à cultura, do indivíduo, que poderá gerar valores conflitantes ou concorrentes em sua consciência. Da mesma forma, na sociedade também emergem conflitos valorativos e escalas diferenciadas de valores (Viana, 2007). Porém, existe uma “escala de valores” que é hegemônica na sociedade: os “mais” ricos, poderosos, ou seja, os que estão acima na pirâmide social, tendem a ser mais valorados e os que estão abaixo tendem a ser desvalorados, mesmo quando não há competição direta, embora, em certo nível, haja uma competição indireta (Viana, 2007). E a valoração desses indivíduos gera a reprodução de sua escala de valores. Isso gera os valores dominantes de uma determinada sociedade. A competição social acirra esse processo e faz com os valores dominantes que incentivam a luta pela riqueza, poder, fama, sucesso, entre outros processos, se sobreponham aos valores da solidariedade, cooperação, entre outros.

É nesse contexto que se insere a questão do estigma e da deficiência. As diferenças individuais ocorrem de acordo com determinadas relações sociais que, por sua vez, geram valores, normas, padrões, divisões, que são fomentadoras de conflitos, disputas, divergências de valores e outras divisões sociais. Assim, em tal sociedade, a deficiência pode ser - e frequentemente é - alvo de estigmatização. Desta forma, é possível afirmar que existe uma produção social do estigma, do preconceito, e que isso atinge os indivíduos e grupos sociais. E esse processo, por sua vez, pode gerar novos problemas e intensificar as dificuldades porventura encontradas pelos indivíduos vítimas de preconceito e estigmatização.

Reflexão sobre a história em quadrinhos: *Um amiguinho diferente*

A história em quadrinhos “*Um amiguinho diferente*” (Sousa, 2019-2022) traz o personagem André para denotar algumas características dos autistas e mostrar que estes são crianças como as demais, e, ao mesmo tempo, diferentes. Esta história em quadrinhos tem o

objetivo educacional de ressaltar, através de um enredo infantil com personagens infantis, a questão do autismo e mostrar que não existem motivos para preconceitos e estigmas. Uma breve análise dessa história em quadrinhos será útil para perceber como o quadrinista constrói uma narrativa ficcional educativa visando questionar o estigma em relação aos autistas.

A descrição anterior da história em quadrinhos permite perceber que as personagens Mônica e Magali estranharam o comportamento de André. A reação de Mônica e Magali poderia ser interpretada como estigmatizante? Sem dúvida, a reação das duas, especialmente de Magali, é de considerá-lo mal-educado, exibido, etc. Tanto Magali quanto Mônica se baseiam no comportamento distante dele e na falta de interação para julgá-lo. Reiteramos: o julgamento de Magali é de que ele seria mal-educado e exibido. Nesse contexto, poderíamos questionar se o comportamento das personagens, especialmente o de Magali, não seria reprodutor de estigmas?

De acordo com a concepção de Goffman (1988), um comportamento como o de Magali na narrativa quadrinística poderia ser considerado um estigma visível, que é aquele que se manifesta a partir das características físicas ou comportamentais mais facilmente observáveis. O comportamento de André chama a atenção e é interpretado negativamente. Ao não responder, não olhar diretamente para Magali e Mônica, entre outros aspectos do seu comportamento, promovem uma percepção negativa ao seu respeito. Nesse sentido, seria possível dizer que há um início de processo estigmatizador através das afirmações de Magali.

Porém, o que ocorreu foi apenas uma primeira impressão, que foi negativa por não saber que se tratava de uma criança autista. Ou seja, Mônica e Magali não sabiam que André era autista e reagiram ao comportamento distante dele. Quando são informadas de que ele é autista, elas mudam radicalmente o comportamento em relação a ele, tentando inclui-lo na brincadeira. É por isso que podemos dizer que houve “um início do processo estigmatizador”, mas ele não se completou. E a razão para existir esse processo inicial de estigmatização foi a falta de informação convivendo com o comportamento diferente de André. Assim, embora seja um esboço de estigmatização, ocorreu num contexto determinado. Sem dúvida, o quadrinista, ao criar a história, tinha em mente mostrar os possíveis preconceitos e ações discriminatórias, para depois, sob forma educativa, mostrar que são infundados e que as personagens, acessando as informações adequadas, voltariam atrás e tratariam André como alguém comum, mas diferente.

Sem dúvida, é possível questionar se a abordagem dessa questão na história em quadrinhos é realista ou não, pois a compreensão e tratamento de André é ficcional, pois nem

sempre ocorre assim na vida cotidiana, já que isso depende de educação, informação, personalidade, relações grupais, entre diversos outros aspectos. Em outras palavras, a história em quadrinhos visa educar, esclarecer, e usa a ficção e o conjunto de personagens para passar essa mensagem. E, nesse contexto ficcional, é amplamente possível ocorrer o que aconteceu na história, inclusive a intervenção de Cebolinha e Cascão, que visam tornar a narrativa quadrinística atraente para o público infantil, criando uma trama e utilizando o efeito cômico (Viana, 2024), que é quando se cria quadros de humor na história. Porém, Cebolinha e Cascão não sabem do autismo de André e também apresentam uma interpretação equivocada dele, o que gera sua “inclusão ambígua”, inicialmente, e, após a informação, ela passa a ser uma “inclusão esclarecida”.

O quadrinista consegue criar um impacto inicial mostrando os perigos da estigmatização, um processo de inclusão do personagem através das ações de Mônica e Magali, um efeito cômico e inesperado através das ações de Cebolinha e Cascão e, simultaneamente, uma nova forma de inclusão, ambígua e depois esclarecida, de André. Assim, a narrativa quadrinística de Maurício de Souza consegue atingir o seu objetivo de esclarecer a questão do autismo de forma educativa e, ao mesmo tempo, atrativa, gerando uma história em quadrinhos bem elaborada e que tematiza uma questão social de forma que consegue passar a mensagem que é contra o preconceito, a discriminação, a estigmatização dos autistas.

É possível, a partir dessa história, analisar como o personagem pode ser, assim como ocorre efetivamente com muitas crianças reais, estigmatizado por causa do seu comportamento e, principalmente, devido à sua incompreensão. Nesse caso, é preciso entender a diferença entre comportamento, por um lado, e percepção e interpretação do comportamento, por outro lado. As pessoas interpretam os comportamentos a partir do que observam (o aspecto mais concreto e que remete aos acontecimentos reais) e de como o interpretam (o aspecto mais cultural e que remete para as informações, valores, concepções, sentimentos e outros elementos que se passam na mente dos indivíduos que realizam tal interpretação). Assim, podemos distinguir entre o comportamento efetivo dos indivíduos e o comportamento interpretado deles, cuja interpretação é realizada por outros, a partir das referências e recursos intelectuais que estes possuem.

Os comportamentos mudam de acordo com a sociedade, à época, a situação grupal, a cultura, entre outras determinações. Um comportamento que é reproduzido pela maioria, tende a ser considerado normal e comum, podendo gerar concepções morais e valorativas (a moral dita normas de comportamento que se fundamentam em valores, mas estes são diferentes, pois

não criam, necessariamente, uma imposição comportamental) que apontam para concebê-lo como sendo o “bom”, o “belo”, o “certo”. Nesse contexto, um comportamento “desviante”, tal como os abordados por Goffman (1988) e outros autores, pode ser condenado moralmente ou desvalorado por pessoas que possuem valores conflitantes.

A questão é que um comportamento desviante em uma sociedade ou época pode ser considerado normal em outra, por ser o da maioria. Assim, limpar o nariz na manga da camisa é um comportamento condenado na sociedade moderna e, no entanto, era um comportamento comum e realizado pela realeza, na sociedade feudal, assim como foi costume nessa época a família inteira dormir na mesma cama, o que seria escandaloso nos dias atuais (Elias, 1994).

Isso não significa dizer que todo comportamento é normal ou que isso é relativo, mas sim que existem duas questões diferentes a serem tratadas. O comportamento em si e como ele está relacionado com o conjunto da sociedade, o que é uma questão sociológica; e a interpretação e avaliação desse comportamento, que é um fenômeno sociocultural e também sociológico, mas noutro nível. O comportamento desviante, por sua vez, pode ser interpretado e avaliado sob formas diferentes em contextos e sociedades diferentes (Goffman, 1988). Na modernidade, um comportamento que em certos ambientes é considerado “normal”, não é visto da mesma forma em outro ambiente, bem como historicamente existem mudanças no padrão de comportamento, bem como conflitos a esse respeito (o que gera, por exemplo, as polarizações morais dentro da sociedade quando duas formas opostas de moral buscam se impor ao conjunto da sociedade).

No caso da história de Maurício de Souza, o que temos é um comportamento de André e o fato de que este não é considerado “amigável” e “adequado”. Nesse contexto, as personagens realizam uma interpretação apressada e imediatista, sem maiores informações, e assim, principalmente Magali, inicia um processo de estigmatização. Esse processo só se inicia, sendo incompleto e termina inacabado pela correção que a informação sobre o autismo de André propicia.

Um amiguinho Diferente permite, portanto, refletir sobre o processo de estigma das crianças autistas. Sem dúvida, na vida real as coisas são mais complexas. A história em quadrinhos (Sousa, 2019-2020) coloca a questão da aceitação e compreensão de André pelos demais personagens. Na vida real, nem sempre ocorre isso, pois as crianças são socializadas e vivem numa sociedade competitiva (Viana, 2008), o que gera conflitos e estigmatização com maior facilidade. Na própria história (Sousa, 2019), há elementos nesse sentido, especialmente

quando Cebolinha e Cascão “raptam” André para “salvá-lo” de Mônica e Magali, no qual se produz um processo competitivo entre os meninos e as meninas, bem como a solução violenta de Mônica e depois constrangimento dos dois meninos em brincar com elas. Aqui a competição emerge, mas além disso há uma dicotomia entre os sexos, colocando as diferenças, incompreensão e inaceitação do comportamento feminino infantil pelas crianças do sexo masculino. André é envolvido nessa competição, que é típica da modernidade e se reproduz nas histórias infantis, sendo inclusive o seu elemento atrativo, reforçado pelo efeito comico que acompanha as disputas entre os meninos e as meninas.

Por outro lado, a história busca apresentar o autista fora dos preconceitos ao inserir o personagem na dinâmica social da vida infantil das crianças dentro universo ficcional da Turma da Mônica (Sousa, 2019-2022). Contudo, o enredo pode ser criticado por não apresentar o autista de forma mais ampla e complexa, pois o autismo tem especificidades que exigem um conhecimento sobre a “deficiência”, além do personagem não ter um papel ativo na história, sendo os outros que falam por ele e sobre ele, bem como não apresenta as potencialidades dos autistas (Silva; Oliveira, 2021).

Nesse sentido, a história é bem-intencionada e visa contribuir com a compreensão e superação do preconceito em relação aos autistas. No entanto, a narrativa tem problemas que revelam os seus limites. Um desses limites é não abordar a questão do autismo em sua complexidade. Por exemplo, uma das características específicas de alguns autistas é não oralizar. Algumas dessas outras características, no entanto, aparecem em outras histórias que são dedicadas ao tema do autismo e ao André. Nas 13 historinhas que compõe a Revista da Turma da Mônica, cujo título geral também é *Um amiguinho diferente*, Sousa (2019-2022), trata de algumas características comuns da pessoa autista que promove sua não aceitação ou compreensão diferente diante de tais situações, como: pensamento por imagens, sem surpresas, brincadeira nova, preferência por cores, entendimento ao pé da letra, olfato aguçado, problema grave, ambiente barulhento, de trás para frente, autoestimulação, evitar exposição ao público, dificuldade de concentração diante estímulos sensoriais em excesso.

Conclusões

A história em quadrinhos *Um amiguinho diferente*, de Maurício de Sousa, nos permitiu refletir sobre preconceitos e estigmas, destacando como as pessoas estão sujeitas a expectativas e normas sociais. André tem Transtorno do Espectro do Autismo e o enredo da história possibilita, ainda que de forma limitada, a compreensão dessa especificidade, ao trazer reações

e inserção da criança autista na sociedade por meio do universo ficcional direcionado ao público infantil.

Explorar a coleção de Sousa (2019-2022) indo além da literatura nos instigou a usá-la sob forma pedagógica, crítica, uma reflexão sobre o autismo e a necessidade de aprofundamento das discussões sobre essa temática, buscando compreender e não estigmatizar os autistas.

Referências

- BOSA, C. A. **Autismo**: intervenções psicoeducacionais. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNN>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990. v. 1.
- LEMOES, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v. 20, n.1, p.117-130, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GS4c9BPW9PW8ZqzBGjx7Kzj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- LEON, V. C. **Práticas baseadas em experiência para aplicação de TEACH nos Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2016.
- ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.
- SILVA, R. M.; OLIVEIRA, S. A. Um amiguinho diferente: a representação do autista na história em quadrinhos da Turma da Mônica. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, p. 1-15, e-2119771, 2021. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes> acessado em: 18 maio 2025.
- SOUZA, M. **Turma da Mônica**: um amiguinho diferente. São Paulo: Instituto Mauricio de Sousa; Revista Autismo, 2019-2022. Disponível em: <https://www.institutomauriciodesousa.org.br/fazendo-a-diferenca/publicacoes/um-amiguinho-diferente/>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- SOUZA, M. **André e o autismo** [vídeo]. São Paulo Instituto Maurício de Sousa, 2019. Disponível em: https://youtu.be/KZfkphIBHj8?list=PLiWDtUL5RzUmAX9sJLE11wb_aieH-A0FM. Acesso em: 01 jul. 2025.
- TEDESCO, L.M.; MOLARI, M. A escola regular e o aluno Autista: desafios e possibilidades. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, [S. l.]**, v. 18, n. 4, p. 432–436, 2018. DOI: 10.17921/2447-8733.2017v18n4p432-436. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/4629>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VIANA, Nildo. A Predominância Valorativa em O Racista, de Mortadelo e Salaminho. In: VIANA, Nildo (org.). **Valores e Histórias em Quadrinhos**. As Manifestações Valorativas no Universo Ficcional das Histórias em Quadrinhos. Goiânia: Edições Redelp, 2024.

VIANA, Nildo. Histórias em quadrinhos e métodos de análise. **Revista Temporis(ação)**. Vol. 16, num. 02, especial, 2016.

VIANA, Nildo. **Os Valores na Sociedade Moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

VIANA, Nildo. **Universo psíquico e reprodução do capital**. Ensaaios Freudo-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.

Recebido em: 9 de outubro de 2025

Aceito em: 10 de novembro de 2025
